

UM SELFIE NA SALA DE AULA: UM ESTUDO SOBRE A FOTOGRAFIA COMO PROPOSTA DE ENSINO PARA AULAS DE ARTES DO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS FINAIS)

Ludmila Quintino Vilela¹

Diego Ted Rodrigues Boga²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo a investigação de como utilizar a fotografia como recurso das aulas de Artes do Ensino Fundamental (Anos Finais). Considerando as experiências vivenciadas por este meio visual, é possível adaptar em sala de aula para um melhor rendimento das mesmas, pois é necessário que no cenário atual da educação e da sociedade o professor consiga desenvolver novas metodologias que acompanhem toda essa mudança tecnológica e interativa, buscando dessa forma, através da implementação de novas propostas, despertar o interesse e a criatividade dos alunos, bem como, estimular os alunos a se tornarem seres reflexivos e críticos na busca do conhecimento. Para a realização deste, foram usadas as metodologias bibliográficas e documentais, recorrendo assim, a fontes diversificadas e também com tratamento analítico, para que fosse possível trazer a veracidade de que o tema necessita. Embora, ainda não seja um tema tão recorrente em sala de aula, este estudo possibilita uma abordagem dinâmica, para que assim, os educadores percorram um caminho que possibilite cada vez mais introduzir esse recurso nas aulas de Artes dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Artes. Ensino Fundamental. Fotografia.Selfie.

ABSTRACT

The present study aims to investigate how to use photography as a resource in Art classes in Elementary School (Final Years). Considering the experiences lived by this visual medium, it is possible to adapt it in the classroom for a better performance of the same, because it is necessary that in the current scenario of education and society the teacher is able to develop new methodologies that accompany all this technological change and interactive, seeking this way, through the implementation of new proposals, arouse the interest and creativity of students, as well as stimulate students to become reflective and critical beings in the pursuit of knowledge. To accomplish this, the bibliographical and documental methodologies were used, thus resorting to diverse sources and also to analytical treatment, so that it was possible to bring the veracity that the theme needs. Although it is not yet a recurrent theme in the classroom, this study enables a dynamic approach, so that educators may follow a path that makes it increasingly possible to introduce this resource in the Art classes of the Final Years of Elementary School.

Keywords: Arts. Elementary School. Photography.Selfie.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se constitui como uma pesquisa qualitativa, pois de acordo com Minayo (2000, p. 21 e 22) esta “responde a questões muito particulares”. Sendo assim, esta “se

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia pelo Instituto Federal Goiano (IFG). E-mail: ludmila.quintino@estudante.ifgoiano.edu.br

²Graduado em Pedagogia pela Faculdade Latino-americana de Educação (FLATED) e Artes pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), vinculado ao Instituto Federal do Maranhão (IFMA). E-mail: diego.boga@ifma.edu.br

preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado” (MINAYO, 2022). Com natureza básica, pois tem como objetivo gerar novos conhecimentos, que se tornarão úteis para o avanço de uma determinada área, sem aplicação de prática prevista. Esse tipo de pesquisa envolve verdades e interesses universais.

Foram adotados os procedimentos bibliográficos e documentais. Segundo Fonseca (2002) qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Já a pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, entre outros.

Este trabalho possui como objetivo a investigar como utilizar a fotografia como recurso das aulas de Artes do Ensino Fundamental (Anos Finais). Há muitos anos atrás, mas precisamente, cerca de seis mil anos atrás, surgiu à necessidade de registrar os fatos ocorridos, desde então esses registros foram sofrendo modificações, até se transformar na respectiva fotografia, que é a representação real desses fatos. Visto que desde seu surgimento, como modelo convencional, a fotografia veio sofrendo várias outras mudanças até os dias atuais, quando passa a ser totalmente digital, mudanças estas que serão abordadas no decorrer do trabalho.

Como justificativa, percorre o entendimento de como a fotografia pode se tornar um conteúdo das aulas de artes do Ensino Fundamental (Anos Finais), buscando acompanhar as diferentes transformações que a sociedade moderna vem apresentando, sendo esta um importante meio de registro da história, utilizada em diferentes modalidades dentro do ensino de Artes.

É possível compreender a importância das diferentes formas de utilizar a tecnologia na sala de aula, sendo a fotografia uma tecnologia da informação e da comunicação sendo necessária sua utilização como uma proposta de ensino, de modo a acompanhar o contexto das transformações tecnológicas inseridas dentro e fora da sala de aula.

A partir dessas modificações da tecnologia, a escola passa assumir um papel diferente da que tinha anteriormente, que apenas ela era a detentora do saber, hoje provadamente que o conhecimento é livre e cada vez mais aberto a todos por meio das diferentes tecnologias e meios de pesquisa. Surge então a necessidade do professor acompanhar essas tecnologias e

fazer a inserção em seus planejamentos de aula, para que haja uma dialogicidade entre ele e os alunos.

A partir da aceitação pela presença de dispositivos em sala, de forma insistente pelos alunos, surgiu a idéia dessa pesquisa. Que a partir de estudos exploratórios teóricos, buscou compreender esse universo que cada dia mais se faz presente no cotidiano dos docentes e discentes.

Partindo da idéia central do trabalho, na qual se apresenta a Fotografia como uma proposta de ensino para as aulas de Artes do Ensino Fundamental, a fim de que com essa proposta suscitem conhecimentos novos, de forma a provocar por parte dos alunos uma postura criativa e ativa durante a inserção desse ensino.

O atual registro de fotografias tem se dado através dos celulares smartphones, do qual comumente faz parte do cotidiano da sociedade brasileira. Ao observar essa crescente demanda em introduzir as novas tecnologias em sala de aula, inclusive na forma de registrar acontecimentos, foi chegada a seguinte indagação para a pesquisa: Como utilizar a fotografia como componente curricular nas aulas de Artes do Ensino Fundamental (Anos Finais)?

Em resposta a indagação, espera-se que com esse estudo seja possível compreender como a fotografia pode ser trabalhada como componente curricular nas aulas de artes do Ensino Fundamental. Tendo como objetivo geral a investigação de como utilizar a fotografia como recurso das aulas de Artes do Ensino Fundamental (Anos Finais). Ampliando-se para os seguintes objetivos específicos: Compreender a evolução histórica da fotografia; Analisar a fotografia como conteúdo curricular das aulas de artes; Propor atividades relacionadas à fotografia para alunos do Ensino Fundamental (Anos Finais).

2 NOTAS HISTÓRICAS E TEORIAS SOBRE A FOTOGRAFIA

A fotografia percorreu uma trajetória de séculos até ao que temos hoje, totalmente digital e de fácil acesso. Segundo Bueno (2017) “a história da fotografia é o resultado de pesquisas científicas e experimentais realizadas por várias pessoas, a partir de estudos de processos da luz, fenômenos óticos e químicos.” Para o mesmo autor, o desejo de fixar uma imagem atrelado ao conhecimento sobre a sensibilidade química é o que estimulou a existência da fotografia (BUENO, 2017).

Para Monteiro (2008) “as imagens acompanham o processo de hominização e de socialização do homem desde a pré-história; elas perpassam a vida e a organização social, ordenando a relação entre os homens e destes com o visível e o invisível.”

Seguindo a ideia de que a fotografia seguia conflitante às artes plásticas da época, conforme o autor Bueno (2017) “a fotografia no início da história era vista como uma concorrente das artes plásticas. Nascia naquela época uma espécie de conflito entre as linguagens da pintura e da fotografia (...)”.

Segundo Gomes (1996) a fotografia é uma forma expressiva de imortalizar uma situação e seu espaço físico inseridos em uma subjetividade do realismo virtual/digital, o que cabe perfeitamente no processo de ensino de cidadãos críticos, reflexivos, conscientes e engajados de que nossa sociedade necessita.

Segundo o autor Régis Debray (1993, p.354) as imagens, contrariamente às palavras, são acessíveis a todos, em todas as línguas, sem competência nem aprendizado prévios. Conforme o autor a função social da imagem está “ligada à produção de um duplo do morto visando à preservação de sua memória.” (DEBRAY, 1994, p.22-30)

Segundo Santaella (2005, p. 296-307), o mundo das imagens pode ser dividido, em termos de diferentes, como formas de produção, circuitos de circulação, formas de recepção e de estatuto das imagens no tempo, e em três paradigmas: pré-fotográfico; fotográfico e o pós-fotográfico. Conforme Monteiro (2008):

O paradigma pré-fotográfico está relacionado ao conjunto das imagens produzidas de forma artesanal pela mão do homem, dependendo de sua habilidade e imaginação para plasmar o visível. Trata-se de imagens produzidas pela mão do artista, que guardam a sua marca e a aura de objetos únicos. Elas têm uma circulação restrita, sobretudo, feitas para serem expostas em galerias e museus (MONTEIRO, 2008, p. 171).

Sobre o paradigma fotográfico, Monteiro (2008) cita que:

[...] diz respeito às imagens produzidas por conexão dinâmica e captação física de fragmentos do mundo visível com a mediação de um aparato ótico-mecânico: a câmera fotográfica (a caixa-preta), de vídeo ou de TV. Imagens produzidas com o auxílio de um aparelho mecânico e visando a sua reprodução em série. Perdem a sua aura de objeto único e passam a circular em diferentes meios, sobretudo nos jornais, revistas, outdoors publicitários, etc. (MONTEIRO, 2008, p.172).

Já o paradigma pós-fotográfico, de acordo com Monteiro (2008, p. 172) diz que: “se refere às imagens sintéticas e infográficas (virtuais), pré-modelizadas e matematicamente elaboradas através do computador.” Levando a perceber a importância da fotografia nessa

interpretação, pois ela marca o parâmetro para a existência de um pré-fotográfico e de um pós-fotográfico.

O paradigma fotográfico é herdeiro da câmara obscura, utilizada desde o Renascimento. O dispositivo foi sendo aperfeiçoado e tornou-se capaz de capturar uma imagem latente em suporte sensível à luz, desencadeando a fotografia. A máquina fotográfica (o dispositivo técnico) media o enfrentamento entre o olhar de um sujeito (o fotógrafo) com um referente (a realidade), que é observado e tem sua luz (fluxo fotônico) capturada através de uma lente em uma superfície sensível. O ato fotográfico é o fruto de um corte, tanto no campo visual (espaço) quanto na duração (tempo), constituindo-se em um fragmento separado e embalsamado do mundo para a posteridade. (MONTEIRO, 2008, p. 172)

A fotografia passou por um longo percurso, que segundo Dubois (1993, p. 23-56), este pode ser pensado em três tempos: 1) a fotografia do real (o discurso da mimese); 2) a fotografia como transformação do real (o discurso do código e da desconstrução); 3) a fotografia como um traço do real (o discurso do índice e da referência).

O primeiro (o discurso da mimese), de acordo com Monteiro (2008) “a fotografia foi apresentada como um auxiliar precioso para a ciência e para as artes em geral”. O potencial da fotografia de repertoriar os recantos mais distantes do mundo, auxiliando as expedições científicas, bem como de reproduzir as obras de arte antigas visando ao seu estudo, conferiu-lhe o estatuto de espelho do real. (MONTEIRO, 2008, p. 173)

O segundo momento (o discurso do código e da construção) é caracterizado pela denúncia da fotografia como transformação do real. De acordo com Monteiro, este momento ocorre:

Entre o final do século XIX e início do século XX, apontou-se a falsa neutralidade e a redução do real produzida pela fotografia. Primeiramente, ela produzia um corte no fluxo do tempo, o congelamento de um instante separado da sucessão dos acontecimentos. Em segundo lugar, ela era um fragmento escolhido pelo fotógrafo através da seleção do tema, dos sujeitos, do entorno, do enquadramento, do sentido, da luminosidade, etc. (MONTEIRO, 2008, p.173).

No terceiro momento (o discurso do índice e da referência) “a fotografia transformava o tridimensional em bidimensional, reduzindo a gama de cores e simulando a profundidade do campo de visão. Além de tudo isso, ela também era uma convenção do olhar herdada do Renascimento e da pintura: o fato de que seria necessário apreender para poder “ver”. Ou seja, questionava-se a exatidão, o realismo e a universalidade desse tipo de imagem.” (MONTEIRO, 2008, p. 173)

Segundo Dubois (1993, p. 61), a fotografia se distingue de outros sistemas de representação como a pintura e o desenho (dos ícones), bem como dos sistemas propriamente lingüísticos, enquanto se aparenta muito com o dos signos como a fumaça, a sombra, a poeira, a cicatriz, e as ruínas. Para ele, a fotografia seria um índice, pois esta guardaria um elo físico com o seu referente.

Segundo Roland Barthes (1982, p. 11-25), “a fotografia é uma imagem híbrida, pois construída em parte por um aparelho técnico que captaria um real puro e em parte por uma mensagem com conteúdo histórico, social e cultural.” Demonstrando essa mesma relação, o autor Monteiro (2008) cita que:

A fotografia é uma convenção do olhar e uma linguagem de representação e expressão de um olhar sobre o mundo. Nesse sentido, as imagens são ambíguas (por sua natureza técnica) e passíveis de múltiplas interpretações (em relação ao meio através do qual elas circulam e do olhar que as contempla). Por isso, para a sua interpretação, é necessária a compreensão e a desconstrução desse olhar fotográfico, através de uma discussão teórico-metodológica, que permita formular problemas históricos e visuais, no sentido de que a dimensão propriamente visual do real possa ser integrada à pesquisa histórica (MONTEIRO, 2008, p. 174).

De acordo com Kossoy (1989), um dos maiores pioneiros em fotografia do Brasil, aponta para a necessidade de pensar a tríade sujeito (fotógrafo), técnica (equipamento) e assunto (a história do tema abordado). Para o autor, “a fotografia tem uma primeira realidade ligada ao momento de produção da imagem pelo fotógrafo, e uma segunda realidade ligada à circulação e aos usos posteriores da imagem em contextos e períodos posteriores, sob formas que não foram previstas pelo fotógrafo no momento de produção da imagem” (KOSSOY, 1989).

Conforme Mauad (2004, p. 19-36), em seus estudos sobre cidade e fotografia, onde a mesma estabeleceu para sua análise das imagens fotográficas cinco categorias espaciais que abrangem tanto o plano do conteúdo quanto o da expressão: o espaço fotográfico, o espaço geográfico, o espaço do objeto, o espaço da figuração e o espaço da vivência.

De acordo com Mauad (2004): I – Espaço fotográfico: Compreende o recorte espacial processado pela fotografia. Incluindo-se a natureza do espaço, como se organiza, que tipo de controle pode ser exercido na sua composição e a quem este espaço está vinculado: amador ou profissional; II – Espaço geográfico: Compreende o espaço físico representado na fotografia. Procura-se caracterizar os lugares fotografados, a trajetória de mudanças ao longo dos anos que a coleção cobre e nessa trajetória as oposições cidade e campo, fundo artificial e natural e

espaço interno e externo; III – Espaço do objeto: Compreende os objetos fotografados tomados como atributos da imagem fotográfica. Analisa-se a partir dessa categoria a lógica existente na representação dos objetos, sua relação com a experiência vivida e com o espaço construído; IV – Espaço da figuração: Compreende as pessoas retratadas, a natureza deste espaço, a hierarquia das figuras e outros atributos; V – Espaço da vivência: Compreende o tema da foto. As atividades que mereciam ser fotografadas e os tipos de fotos que destas surgiam. (MAUAD, 2004, p. 19-36)

O autor Meneses (2005, p. 33-56) propõe que o estudo de interpretação de imagens se realize a partir da reflexão sobre três domínios complementares: o visual, o visível e a visão . Sendo que o domínio do visual compreenderia os sistemas de comunicação visual e os ambientes visuais, bem como “os suportes institucionais dos sistemas visuais, as condições técnicas, sociais e culturais de produção, circulação, consumo e ação dos recursos e produtos visuais”, para que fosse possível delimitar “a iconosfera, isto é, o conjunto de imagens-guia de um grupo social ou de uma sociedade num dado momento e com o qual ela interage” (Meneses, 2005, p. 36). Conforme o autor, “o domínio do visível e o do invisível situa-se na esfera do poder e do controle social, do ver e ser visto, do dar-se a ver ou não dar-se a ver, da visibilidade e da invisibilidade” (Meneses, 2005, p. 36). Já a visão “compreende os instrumentos e técnicas de observação, o observador e seus papéis, os modelos e modalidades do olhar” de uma época (Meneses, 2005, p. 38).

O autor Coli (2012) traz uma indagação: “porque a história contemporânea da arte surgiu com a fotografia?” Em resposta, o autor afirma que:

Até o surgimento da fotografia, a história da arte era a história dos artistas, eram biografias. Quando começa a fazer a história dos movimentos artísticos, uma das referências, um dos elementos essenciais para isso, são as coleções fotográficas. O historiador da arte trabalha, sobretudo, com reproduções (COLI, 2012, p. 74).

Historiadores da arte sabem, no entanto, que existe uma ligação forte entre coisas que se assemelham. São as fotos de quadros, de estátuas, de edifícios, que permitem aos historiadores os estudos comparativos. Trabalham com imagens de imagens. Os grandes centros internacionais de estudos em história das artes têm mesas bastante espaçosas, indispensáveis, sobre as quais se podem dispor e comparar várias fotografias. Comparar é uma forma de compreensão silenciosa da relação entre as imagens (COLI, 2012, p. 74).

Para Coli (2012, p. 75) “as palavras não conseguem apreender as obras: podem ser, no melhor dos casos, indicativas de intuições mudas. Em um estudo de história da arte, as

imagens nunca são secundárias, como ilustrações destinadas a embelezar um texto. Elas são nucleares, porque carregam em si o próprio processo de raciocínio.”

De acordo com Coli (2012) “os historiadores da arte costumam dizer que é preciso treinar o olho, isso significa incorporar um saber, sempre silencioso, sempre intuitivo, capaz de captar o que há de comum entre as formas. Mas que lugar é esse que a preposição “entre” indica? “ Para ele, “não há apenas dois lugares, o lugar de uma imagem e de outra imagem, o lugar de uma aparência e de outra aparência. Há um terceiro lugar, uma terceira margem do rio, onde, invisíveis, imateriais, o semelhante se funde no semelhante, onde a analogia se metamorfoseia em fusão.” Nesse mesmo sentido, o autor afirma que: “Um dos grandes prazeres dos historiadores das artes é descobrir as imagens renascendo dentro de outras imagens, tomando novos sentidos, ressuscitando o mesmo, para se transformarem em outro” (COLI, 2012, p. 75).

A autora Turazzi (1998) afirma que ao longo da história a fotografia nunca deixou de causar polêmicas sobre sua natureza imagética, seus usos e funções, sua mestiçagem com outras linguagens e formas de expressão, pois para ela:

Mas, se do século XIX e XX, as mutações da cultura fotográfica têm sido sempre complexa e problemáticas, é exatamente isso que lhe dá vida e sentido. Um exemplo destas polêmicas refere-se ao procedimento de manipulação da imagem obtida com uma câmara fotográfica, prática tão antiga quanto à ilusão de ser a fotografia uma reprodução fiel da realidade, desprovida de subjetividade humana (TURAZZI, 1998, p. 09).

Conforme afirma Turazzi (1998), a cultura fotográfica é uma das formas de cultura, justificada pelo valor da fotografia como recurso visual de suma importância para a formação do sentimento de identidade, seja individual ou coletivo. Esta autora constata que “a cultura fotográfica é uma das formas de cultura arraigada em uma extensão maior do universo cultural, entende que esta se constitui em dimensões diversas e complexas.” Para ela, “uma cultura fotográfica se expressa nos usos e funções da fotografia em uma sociedade e na construção das representações imaginárias integradas ao conteúdo das imagens produzidas desta sociedade” (TURAZZI, 1998).

Nesse sentido autora Mauad (2004, p.119) diz que: “paralelo a seu caráter de inovação tecnológica, a fotografia carrega em sua história a marca da polêmica em relação aos seus usos e funções.”

Para Mauad (1996) “à competência do autor corresponde a do leitor”, pois “é a competência de quem olha que fornece significados à imagem. Essa compreensão se dá a

partir de regras culturais, que fornecem a garantia de que a leitura da imagem não se limite a um sujeito individual, mas que acima de tudo seja coletiva.” A compreensão do texto fotográfico se dá nos planos internos e externos à superfície do texto visual, é um ato tanto conceitual quanto pragmático onde se pressupõe a aplicação de regras culturalmente aceitas e convencionalizadas na dinâmica social (MAUAD, 1996, p. 09).

Para o autor Gralha (2014) “no século XX a fotografia já apresentava todos os quesitos imprescindíveis para a realização do registro de imagens de alta qualidade de exposição e reprodução, os principais progressos foram de ordem mecânica, na construção de lentes cada vez mais precisas e nítidas, e câmeras portáteis de diversos tamanhos e formatos.” A partir desse século, a fotografia ganhou uma nova função, conforme o autor, “o de se constituir como um elemento do cotidiano da população, consecutivamente conexo não somente ao desenvolvimento científico e à verdade da reprodução dos fatos, mas igualmente ao registro, à documentação do momento especial vivido” (GRALHA, 2014, p. 56).

O novo equipamento e o olhar do fotógrafo transformaram o cotidiano em nova expressão estética, ao registrar tipos, costumes e hábitos, moda e ao atribuir à imagem fotográfica a condição de representação das inovações e da curiosidade do homem moderno (GRALHA, 2014, p. 57).

Segundo Rouillé (2009) a união entre arte e fotografia foi concretizada nos anos de 1980, já prenunciada durante o movimento surrealista (com as fotomontagens e os fotogramas), faz surgir uma nova arte, muitas vezes dominada exclusivamente pelo uso da fotografia, que ele mesmo chama de arte-fotografia. Neste caso há um rompimento com as práticas artísticas anteriores: a fotografia agora tem papel dominante no meio da arte. Ademais, Rouillé compreende que a arte-fotografia é uma arte dentro de um campo maior da arte, surgida como uma solução a falência dos valores modernos de materiais e de produção.

Desde seu surgimento em 1839 até meados do século XX, a fotografia se constituiu nas relações entre documento, prova e memória, carregando em si o status de “olho da História”, no Brasil sustentou-se a idéia. A partir da nota dada pelo Jornal do Comércio em 1840 da chegada do daguerreótipo (Aparelho fotográfico inventado por MandéDaguerre, onde este que fixava as imagens obtidas na câmara escura numa folha de prata sobre uma placa de cobre):

[...] em menos de nove minutos o chafariz do Largo do Paço, a praça do peixe, o mosteiro de São Bento, e todos os outros objetos circunstantes se acharam reproduzidos com tal fidelidade, precisão e minuciosidade, que bem se via que a

coisa tinha sido feita pela própria mão da natureza, e quase sem a intervenção do artista (Jornal do Comércio, 1840).

Para Mauad (1996, p. 03) “pela sua associação como identificação através do uso em documentações pessoais como passaportes, identidades, e outros tipos de carteiras de reconhecimento social, dos retratos de família”, tendo vistas que o registro fotográfico tinha em si a idéia e certeza da isenção de intervenção à natureza do fato.

Esta suposta vocação que a fotografia tem para reproduzir o real garantiu-lhe desde sua invenção uma posição de destaque no campo das ciências e da comunicação. A informação visual contida na imagem nunca era contestada, seu nível de autenticidade garantia seu aceitamento prévio como prova de um determinado episódio, estado de coisas, aparência ou comportamento. A objetividade positivista atribuída à fotografia era parte de uma instituição alicerçada no iconográfico, na aparência como expressão da verdade (KOSSOY, 2001, p. 102.).

Para Ciavatta (2002, p. 18):

[...] podemos dizer que a obra fotógrafo e sua relação com o registro do “fato” se encontram no centro do debate que é o conceito da fotografia como fonte histórica e sua respectiva discussão teórica, envolvendo questões como o realismo fotográfico, a ambigüidade relativa a informação e desinformação que existem na imagem fotográfica, a subjetividade e a objetividade que ela possui, a questão do olhar, da interpretação e da busca da natureza do documento fotográfico.

Embora, muitas vezes, a fotografia almeje à universalidade de uma produção calcada na razão, percebemos que as imagens oficiais ou não, são sempre reguladas sobre códigos convencionalizados social e culturalmente, motivados pelos interesses dos grupos que os tecem, daí é imprescindível o relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem se utiliza deles (CHARTIER, 1990, P. 17.).

Para Gralha (2014) é necessário entender o fotógrafo como autor em qualquer instância em que atua, bem como autônomo ou servidor, sua obra é marcada pela competência com que dominou a tecnologia e a estética fotográfica de seu tempo, que por sua vez estão diretamente conectadas ao manuseio de códigos convencionados social e historicamente objetivando a fabricação de uma imagem crível e inteligível, nesse sentido Kossoy (2001) afirma que:

[...] as imagens produzidas por qualquer fotógrafo são um documento não apenas pelo que mostram de um passado congelado nas efígies, mas porque permitem também o conhecimento de seu autor, o fotógrafo e cidadão, do procedimento e

tecnologia empregados por ele e que proporcionaram a imagem e seu conteúdo (KOSSOY, 2001, p. 75.).

De acordo com Gralha (2014) “toda História é produzida a partir de um lugar, e a fotografia é um destes lugares de memória.” Nesse sentido, Kossoy(2001, p. 138) diz que é papel do historiador interpretar e tentar compreender a fotografia como informação incontinua da existência passada, tendo a capacidade de perceber que a reunião e a apreciação dos documentos não substituem a atividade criadora do historiador, que é de tentar reconstituir a vida passada interpretando o pensamento, os sentimentos e as ações do homem.

De acordo com o artigo da autora Smit (1996) ela relata que além de haver uma diversidade de abordagens da imagem fotográfica, estas têm uma história, uma linha evolutiva que facilita sua sistematização. A fotografia passou por diversas transformações desde o seu início até os dias de hoje, a primeira foi em preto e branco, veio passando por diversas modificações até a atualidade onde foram se tornando altamente digitais e virtuais.

3.1 A fotografia como conteúdo curricular das aulas de Artes

A disciplina de arte é importante na escola de maneira especial, pela sua historicidade que desde os primórdios da civilização já existia, estando presente em todas as constituições culturais formando novas realidades, novos modelos de inserção no mundo e na construção de novos olhares para este mesmo mundo, pois quando o ser humano se revela por meio de sua criação nas várias modalidades artísticas, ele cria e reconhece de modo sensível o seu pertencimento de mundo, ampliando e aprofundando seu conhecimento, permitindo maior entendimento da realidade e maior inserção social (SANTOS; OLIVEIRA, 2020).

Em 1971, com a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte foi incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas sendo considerada como “atividade educativa” e não disciplina, tratando dessa forma, o conhecimento indefinido.

Logo após, com a criação da Lei no 9.394/96, onde esta estabelece as diretrizes e bases da educação, revogam-se as disposições anteriores existentes, e a arte é considerada obrigatória na educação básica. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) o ensino das artes é tido como componente curricular da educação básica, demonstrado no caput 2º e 6º do art. 26, que cita:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas

características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (Redação dada pela Lei nº 12.287, de 2010)

§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo (BRASIL, 1996).

Logo após esse momento, teve um grande marco através da reivindicação de se designar a área por Arte (e não mais por Educação Artística), podendo assim, incluí-la na estrutura curricular como área com conteúdos próprios ligados à cultura artística, e não apenas como atividade, como antes acontecia.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017) para o ensino de Artes do Ensino Fundamental destaca que:

O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas (BRASIL, 2017).

Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores (BRASIL, 2017).

A BNCC propõe que a abordagem das linguagens articule seis dimensões do conhecimento que, de forma indissociável e simultânea, caracterizam a singularidade da experiência artística. Tais dimensões perpassam os conhecimentos das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro e as aprendizagens dos alunos em cada contexto social e cultural. Não se trata de eixos temáticos ou categorias, mas de linhas maleáveis que se interpenetram, constituindo a especificidade da construção do conhecimento em Arte na escola. Não há nenhuma hierarquia entre essas dimensões, tampouco uma ordem para se trabalhar com cada uma no campo pedagógico (BRASIL, 2017).

As dimensões citadas pela BNCC (2017) são:

- Criação: refere-se ao fazer artístico, quando os sujeitos criam, produzem e constroem. Trata-se de uma atitude intencional e investigativa que confere materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos e representações em processos, acontecimentos e produções artísticas individuais ou coletivas. Essa dimensão trata do apreender o que está em

jogo durante o fazer artístico, processo permeado por tomadas de decisão, entraves, desafios, conflitos, negociações e inquietações.

- **Crítica:** refere-se às impressões que impulsionam os sujeitos em direção a novas compreensões do espaço em que vivem, com base no estabelecimento de relações, por meio do estudo e da pesquisa, entre as diversas experiências e manifestações artísticas e culturais vividas e conhecidas. Essa dimensão articula ação e pensamento propositivos, envolvendo aspectos estéticos, políticos, históricos, filosóficos, sociais, econômicos e culturais.

- **Estesia:** refere-se à experiência sensível dos sujeitos em relação ao espaço, ao tempo, ao som, à ação, às imagens, ao próprio corpo e aos diferentes materiais. Essa dimensão articula a sensibilidade e a percepção, tomadas como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. Nela, o corpo em sua totalidade (emoção, percepção, intuição, sensibilidade e intelecto) é o protagonista da experiência.

- **Expressão:** refere-se às possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, tanto em âmbito individual quanto coletivo. Essa dimensão emerge da experiência artística com os elementos constitutivos de cada linguagem, dos seus vocabulários específicos e das suas materialidades.

- **Fruição:** refere-se ao deleite, ao prazer, ao estranhamento e à abertura para se sensibilizar durante a participação em práticas artísticas e culturais. Essa dimensão implica disponibilidade dos sujeitos para a relação continuada com produções artísticas e culturais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos sociais.

- **Reflexão:** refere-se ao processo de construir argumentos e ponderações sobre as fruções, as experiências e os processos criativos, artísticos e culturais. É a atitude de perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador, seja como leitor.

Dentro desse contexto, o presente documento busca enquadrar a utilização da fotografia como componente curricular das aulas de Artes do Ensino Fundamental, ficando nítido as dimensões que esta pode alcançar no meio artístico. Sendo que a fotografia ocupa o ramo das artes visuais, a BNCC traz a definição do que é esse tipo de arte:

As Artes visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana (BRASIL, 2017).

Ainda, é possível ressaltar que: “as Artes visuais possibilitam aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas” (BRASIL, 2017).

A fotografia, ou no contexto (selfie), é possível perceber que como componente curricular do Ensino Fundamental, este recurso pode “desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes” (BRASIL, 2017). Bem como, “analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo” (BRASIL, 2017).

Conforme Santos e Oliveira (2020) ao argumentar sobre a Base Nacional Comum Curricular diz que a mesma:

[...] traz a orientação de que o educando deve conhecer as culturas visuais e experimentar as diversas possibilidades de criar, recriar e se expressar de forma visual, explorando as variações dos materiais, tendo a fotografia como um recurso que tem como objetivo resgatar a realidade e proporcionar ao educando a oportunidade de fazer uma intervenção naquilo que deseja transformar em sua fotografia, tornando-a uma produção artística (SANTOS; OLIVEIRA, 2020).

Para perceber a importância desse recurso, os autores Santos e Oliveira (2020) citam que: “o ensino da Arte evidencia sua importância como uma das áreas de conhecimento fundamentais na formação do cidadão, uma vez que o conhecimento é significativo para a necessidade de expressão, afirmação e interação com a realidade”. Nesse sentido, podemos perceber que:

[...] a Fotografia foi inserida em sala de aula como uma proposta do professor, a fim de suscitar os conhecimentos prévios, as inferências, as conexões, convocando os alunos para uma postura pró ativa e criativa; um despertar pertinente ao campo de estudo da disciplina, com acréscimo ainda da arte da contemplação, tão difícil de ocorrer na atualidade (SANTOS; OLIVEIRA, 2020).

No dia a dia da sala de aula, o processo de comunicação originário do uso das imagens fotográficas como material de apoio didático, pode favorecer uma prática educacional focada na formação de cidadãos críticos, desde que, na linguagem da comunicação visual o conceito de educar se transforme para ensinar a olhar. Em um mundo onde se vive rodeado de imagens, o essencial é saber interpretá-las, de modo que, ao analisar uma imagem, o indivíduo seja capaz de descobrir seus vários sentidos (REIS, 2019).

Conforme os autores Santos e Oliveira (2020), quanto aos educadores que se interessam em utilizar a fotografia nas aulas de Arte-Educação, como mais uma forma de

recurso didático, devem lembrar que não se pode deixar de lado o desenvolvimento do senso crítico do aluno, a contemplação da história da fotografia, a sua obra enquanto arte visual e a leitura de imagens fotográficas. Para ressaltar essa ideia, o autor Reis (2019, p. 5) relata que:

[...] mesmo que alguns professores não tenham clara a noção de que o uso das imagens em sala de aula vai além do olhar e articular, envolvendo uma reordenação do pensamento, é um redirecionar do olhar que está em jogo. A princípio, é a leitura crítica do que está por trás do instante eternizado na fotografia, mais adiante o discernimento sobre o que está por trás do noticiário da TV, ou o encontro com a Internet. Esta se diante de um constante renovar de informações, promovido pelas Novas Tecnologias de Comunicação e Informação.

Dentro das habilidades que citam a fotografia como componente curricular das aulas de Artes no Ensino Fundamental, temos:

(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, **fotografia** etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais;

(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, **fotografia**, softwares etc.) nos processos de criação artística;

(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, **fotografia**, performance etc.) (BRASIL, 2017).

A prática educativa atual exige uma postura criativa do educador, o que favorece trabalhos alternativos além do uso do material didático. O trabalho pedagógico com fotografias é um recurso que auxilia as diferentes metodologias, que diante do avanço da tecnologia da informação e da comunicação, permeado pela globalização, traz um enorme apelo por meio das imagens que surgem continuamente na tela dos equipamentos favorecendo os campos visuais(SANTOS; OLIVEIRA, 2020).

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (2017) “a aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores”. Sendo possível entender que: “Temas, assuntos ou habilidades afins de diferentes componentes podem compor projetos nos quais saberes se integrem, gerando experiências de aprendizagem amplas e complexas (BRASIL, 2017).

Contudo, é importante que o professor se aproprie da tecnologia para trabalhar com a fotografia, considerando que os alunos em sua maioria possuem aparelhos de celular com acesso à internet, desta forma, conseguem obter informações facilmente, podendo também ser um instrumento utilizado em sala de aula, sendo que a fotografia uma das linguagens que os

alunos entendem, e sabem utilizar os diferentes recursos delas providos. Na sequência, será abordada uma proposta da utilização desse recurso.

3.2 Um selfie na sala de aula: uma proposta para a aula de Artes

Antes mesmo de demonstrar a proposta, devemos buscar primeiramente o entendimento do que é uma selfie. De acordo com o dicionário online de Português, o termo selfie significa “Fotografia que alguém tira de si mesmo, geralmente utilizando um celular, para divulgar em redes sociais; autorretrato.”

De acordo com o autor González (2020) “as artes visuais participam e tem participado ao longo da história destes jogos de construção do eu. Tradicionalmente, através da pintura e da escultura, o autorretrato demanda tempo e reflexão para construção da imagem do artista.” Para o autor, “contemporaneamente inclui múltiplos e diferentes recursos, dando conta de sua época através de meios e práticas que coexistem e convergem” (GONZÁLEZ, 2020).

A BNCC traz importantes conclusões sobre o ato de introduzir recursos contemporâneos em sala de aula, citando que: “em síntese, o componente Arte no Ensino Fundamental articula manifestações culturais de tempos e espaços diversos, incluindo o entorno artístico dos alunos e as produções artísticas e culturais que lhes são contemporâneas” (BRASIL, 2017).

De acordo com a BNCC,

Ao longo do Ensino Fundamental, os alunos devem expandir seu repertório e ampliar sua autonomia nas práticas artísticas, por meio da reflexão sensível, imaginativa e crítica sobre os conteúdos artísticos e seus elementos constitutivos e também sobre as experiências de pesquisa, invenção e criação (BRASIL, 2017).

Conforme González (2020) “ se o autorretrato parece estar restrito aos espaços privados ou àqueles próprios da arte, a selfie, devido sua virtualidade e sua imediata e massiva acessibilidade, coloca em questão meios e espaços de representação. Em um mundo cada vez mais ‘democratizado’ pode considerar-se a selfie arte?”

Buscando responder essa pergunta, o selfie vem sendo muito utilizado no ambiente escolar, principalmente pela facilidade de se autorretratar, sendo sim enquadrada como uma forma de arte visual. Sobre esse fenômeno que tem tomado a realidade das pessoas. O autor González (2020) relata que :

A selfie, como fenômeno social da contemporaneidade, parece tensionar as ideias tradicionais sobre a construção do eu. Em busca de narrativas próprias que

respondam a tempos marcados pela imediatez, estas fotografias auto-tomadas e socializadas, tem se convertido, assim, no signo mais contundente de nosso tempo criando relatos – próprios das redes sociais virtuais – numa espécie de euforia coletiva em que se tornam públicos os mais banais atos de nossa cotidianidade. Uma representação, nas esferas virtuais, de quem busca agradar: quem se expõe e é observado, quem observa e comenta, aquele que gosta e compartilha, aquele que segue e é seguido (GONZÁLEZ, 2020).

Conforme o autor, a arte de se fotografar em espécie de selfie, não tem sido valorizada, e têm se tornado em atos banais por parte de quem as tira. Buscando resgatar essa idéia da valorização da própria imagem, e quanto ao processo de se auto-conhecer, buscando integrar a seguinte proposta para as aulas de Artes do Ensino Fundamental:

Em um primeiro momento em sala de aula, será exposto os conceitos de autorretrato e selfie, podendo diferir as mudanças ocorridas desde o início, quanto à nossa contemporaneidade. Logo após esse momento de conceituação, pedir aos alunos que peguem seus celulares e escolham o selfie preferido deles, onde eles se encontram sozinhos.

Em um segundo momento, pedir para que os alunos mostrem os selfies escolhidos, e digam o porquê da escolha, fazendo algumas indagações, tais como: Vocês se recordam em que lugar tiraram essa foto? Como vocês se sentiam nesse momento? Sentiam o mesmo que demonstraram na foto? Essa fotografia foi postada em alguma rede social?

Em um terceiro momento, entregar uma folha em branco, pedir aos alunos que façam o autorretrato contido no selfie, por meio do desenho à mão, propondo que possam alterar a paisagem, os sentimentos expostos, e alguma característica quanto às cores.

Em seguida, pedir para que os alunos apresentem seus desenhos e o selfie do celular, pedindo para que façam uma relação da foto e do autorretrato desenhado, como forma de comparar a realidade do momento em que foi tirado e se percebiam antes todas as características expostas na fotografia com o que foi desenhado, pedindo para os mesmos relatem se eles sabiam que a ferramenta que eles utilizaram para tirar a foto podia ser tão útil e retratar tantas coisas, que muitas vezes vão além do que pode ser percebido pelo simples olhar. Em seguida, montar um mural com os desenhos produzidos pelos alunos.

A atividade de autorretrato também pode ser abordada de uma outra maneira, como a exposta por Camargo (2018) no Blog Tempo Junto, que traz como atividade a entrega de uma fotografia com metade do rosto do aluno, e a outra metade fica em branco, devendo o aluno preencher por meio do seu próprio desenho, como na figura abaixo:

Figura 1: Desenhando a si mesmo



Fonte: Blog Tempo Junto (2018)

Existem outros exemplos no uso da fotografia em sala de aula, como os de continuação de um corpo ou objeto, e logo após registrando a fotografia, como uma forma de entender a ilustração do todo, destacando que esta atividade foi elencada pela autora Soares (2013), representadas nas fotografias abaixo:

Figura 2: Complementando o desenho



Fonte: Fotografia- uma possibilidade pedagógica, por Soares (2013)

Outro exemplo de atividade utilizando a fotografia é pedir para que os alunos fotografem um ambiente qualquer em determinadas sequências de fotos, e em sala de aula pedir para que faça a descrição deste ambiente, destacando cores, mudanças, peculiaridades, sentimentos que este evoca, como por exemplo, as das imagens abaixo que retratam a vista de um lugar, de dia e de noite:

Figura 3: Sequenciando lugares e ambientes



Fonte: Blog Arquitreino, por Mara Luiza (2020)

Essas foram algumas propostas de como utilizar a fotografia como aliada em algumas temáticas do ensino artístico, lembrando que a Arte não se limita a uma única matéria, mas pode ser utilizada de forma interdisciplinar, com as disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa, História, Física, Química, Sociologia, entre tantas outras, já que sua utilização é livre, e de demasiada contribuição, já que permite em si os diferentes registros possíveis.

E dessa forma, podemos considerar que “para algumas pessoas, fotografar é um ato prazeroso, de estar figurando ou imitando algo que existe. Já para outras, é a necessidade de prolongar o contato, a proximidade, num desejo de que o vínculo persista” (SOARES, 2013). Transmitindo assim, suas finalidades.

De acordo com a BNCC (2017), é importante “mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística,” assim como o que foi proposto. Sendo que essa proposta visa orientar os alunos de como o “selfie” pode ser um produto cultural, este considerado uma forma de Arte, que por muitas vezes banalizado não ganha à importância artística de que merece, propondo também uma releitura do ambiente, dos sentimentos, tonalidades e aspectos demonstrados e que compõem e englobam a fotografia.

De acordo com Ana Mae Barbosa, criadora da Proposta Triangular de ensino voltada para a disciplina de Artes, complementa a ideia da utilização da imagem como conteúdo curricular, e cita que:

Reconhecemos que a arte representa a apoteose cultural de uma sociedade, mas reservamos um espaço bem pequeno para ela na escola. [...] A escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes da nossa nação. Isso não é desejável, mas essencialmente civilizatório, porque o prazer da arte é a principal fonte de continuidade histórica, orgulho e senso de unidade para uma cidade, nação ou império (BARBOSA, 2005, p. 32-33).

Assim, podemos perceber através desta citação, que o ensino de artes é fundamental na escola, mesmo sendo tendo um espaço tão pequeno de tempo, esta permite que se mantenham vivos os preceitos da sociedade, bem como sua historicidade. Nesse sentido, é de suma importância que o ensino de Artes esteja sempre atrelado às diferentes metodologias, para que assim envolvam os alunos na busca dos importantes conhecimentos que o ensino da arte desperta.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto à importância da fotografia como forma de registro, podemos compreender através da citação de Monteiro (2008), onde diz: “as imagens acompanham o processo de hominização e de socialização do homem desde a pré-história; elas perpassam a vida e a organização social, ordenando a relação entre os homens e destes com o visível e o invisível.” Podendo entender que a imagem faz uma ligação entre o que vemos e não vemos, servindo de concretização entre o abstrato e o concreto. Seguindo esse mesmo raciocínio o autor Gomes (1996) diz que a fotografia é uma forma expressiva de imortalizar uma situação e seu espaço físico inseridos em uma subjetividade do realismo virtual/digital, o que cabe perfeitamente no processo de ensino de cidadãos críticos, reflexivos, conscientes e engajados de que nossa sociedade necessita.

Ao entendermos sua importância na sociedade, podemos entender que ao ser utilizada como componente curricular das Artes, esta ferramenta pode auxiliar no processo de ensino e aprendizagem nessa matéria. Ressaltando que a disciplina de Artes é muito importante na escola. O uso da fotografia de acordo com Reis (2019) “no dia a dia da sala de aula, o processo de comunicação originário do uso das imagens fotográficas como material de apoio didático, pode favorecer uma prática educacional focada na formação de cidadãos críticos,

desde que, na linguagem da comunicação visual o conceito de educar se transforme para ensinar a olhar.”

Podemos assim entender que, vivemos em um mundo cercado de imagens, sendo de suma importância saber interpretá-las, quiçá analisá-las em busca de despertar novos sentidos e sentimentos. Em consonância da utilização da fotografia como componente curricular, os autores Santos e Oliveira (2020), como mais uma forma de recurso didático, ressaltam que os professores atuantes da matéria devem lembrar que não se pode deixar de lado o desenvolvimento do senso crítico do aluno, a contemplação da história da fotografia, a sua obra enquanto arte visual e a leitura de imagens fotográficas. Entendo que este se torna um processo envolvido e interessante no desenvolvimento de diversas habilidades, que serão levadas para a vida pessoal e profissional do aluno futuramente.

Quanto à utilização da selfie em sala de aula como uma proposta de ensino para as aulas de Artes, segue embasada na idéia proporcionada pelo principal documento que norteia a Educação Básica, a Base Nacional Comum Curricular, que cita que: é importante “mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística” (BRASIL, 2017). Nesse sentido, entende-se esse movimento aonde o selfie vem sendo muito utilizado no ambiente escolar, principalmente pela facilidade de se autorretratar, sendo sim enquadrada como uma forma de arte visual.

Entendendo que o selfie é um fenômeno que tem tomado a realidade das pessoas, o autor González (2020) ressalta que a arte de se fotografar em espécie de selfie, não tem sido valorizada, e têm se tornado em atos banais por parte de quem as tira. Como esse ato, tem se tornado banalizado e desvalorizado. A proposta de inserir o selfie em sala de aula visa contribuir para a recuperação do valor da fotografia, e também do processo de se auto-conhecer como forma de elencar a importância de ambos.

Em resposta a indagação central do estudo, vemos que é possível utilizar a fotografia como componente curricular nas aulas de Artes do Ensino Fundamental (Anos Finais) por meio de diferentes atividades, como as que trabalham o autorretrato, a complementação de imagens, cenários, dentre tantas outras possibilidades, inclusive, podem estar atreladas à outras matérias que compõem o currículo da escola.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendeu entender como utilizar o “selfie” em sala de aula como componente curricular das aulas de Artes do Ensino Fundamental (Anos Finais), como uma alternativa de promover a utilização da tecnologia a favor do conhecimento capaz de ser produzido através do recurso citado. De modo, que se busque acompanhar as diferentes transformações que a sociedade moderna vem apresentando, a saber que, a fotografia é um importante meio de registro da história, utilizada em diferentes modalidades dentro do ensino, inclusive no meio artístico, mas que também outras áreas do conhecimento. Com isso, a estimulação do uso, promove a sua importância, pois é notável que vem sendo banalizada, por causa da facilidade em se tirar uma foto na atualidade.

Para se atingir uma compreensão do objetivo geral que era a investigação de como utilizar a fotografia como recurso das aulas de Artes do Ensino Fundamental (Anos Finais), melhor especificando, o “selfie”, foram propostos três objetivos específicos, com vistas a alcançar o desejado: Compreender a evolução histórica da fotografia; Analisar a fotografia como conteúdo curricular das aulas de artes; Propor atividades relacionadas à fotografia para alunos do Ensino Fundamental (Anos Finais).

O primeiro objetivo específico foi elencado no primeiro tópico do artigo, que traz o seguinte tema: Notas Históricas e Teóricas sobre a Fotografia. Sendo possível verificar que, a mesma passou por diversas transformações ao longo dos anos, desde o seu início até os dias de atuais, onde as primeiras fotografias não possuíam tanta qualidade, eram pretas e brancas, e foram se modificando de tal maneira, que culminaram no modelo atual, onde são amplamente digitais e de uma ótima qualidade, e de fácil acesso, popularmente chamada de “selfie”.

O segundo objetivo traz como idéia central estudar a fotografia como conteúdo curricular nas aulas de Artes, de modo que foi possível verificar que sua utilização em sala de aula é capaz de desenvolver autonomia nos alunos, assim como despertar outro benefício, como a criticidade, produzindo dessa forma, seres críticos e autônomos em busca do conhecimento. Neste objetivo, também foi possível verificar a fotografia como uma maneira de ampliação dos conhecimentos, visto que essa abordagem faz com os mesmos ampliem seus conhecimentos de mundo, dentro de uma cultura específica ou não, dentro da materialidade ou imaterialidade, assim como, dentro das diferentes percepções que a fotografia pode traduzir.

No terceiro, e último objetivo é possível verificar que o selfie não tem sido valorizado, se tornando um ato banal na atualidade, como citado anteriormente, por parte de quem as tira,

e a proposta desempenhada no presente trabalho visa resgatar a ideia da valorização da própria imagem, a saber que, o selfie em sua denominação significa autorretrato, propondo então, como podem ser utilizadas em sala de aula, de modo a desempenhar o fazer artístico através dessa imagem. Notando através da proposta é possível se fazer uma releitura do ambiente, dos sentimentos, das tonalidades e aspectos demonstrados, e que compõem e englobam a fotografia.

Com isso, a hipótese do trabalho se confirma, pois compreende-se que a fotografia pode ser trabalhada como componente curricular nas aulas de artes do Ensino Fundamental (Anos Finais), sendo possível através da sua utilização tornar as aulas mais dinâmicas e produtivas, visto que se procura cada vez mais implementar os meios tecnológicos em sala de aula, sendo este um recurso interessante e fácil de concretizar no ensino.

Diante da pergunta central do trabalho que permeia o entendimento de como utilizar a fotografia como componente curricular nas aulas de Artes do Ensino Fundamental (Anos Finais) é possível compreender através da proposta abordada e dos tópicos apresentados, que existem diversas maneiras de utilizá-la como componente curricular, em diferentes áreas de conhecimento, e principalmente no ensino artístico. Diante disso, foi proposto dentro das artes visuais, duas formas de retratar a realidade, uma com a fotografia, outra com o desenho, produzido a partir da foto, desenvolvendo habilidade e sentidos através desse duplo ensino.

Os instrumentos de coleta dos dados permitiram com que fosse verificado e comprovado a temática do trabalho. Os dados coletados foram qualitativos e não em ordem qualitativa, pois se objetivava a qualidade dos dados e das fontes, onde variaram tanto em ano, quanto em autores. As fontes variaram desde buscas em sites, teses, documentos oficiais, revistas e livros, de modo que um dado complementou o outro em busca da confirmação do que propunha o tema central do texto.

Para as futuras pesquisas, é esperado que o presente documento possa contribuir como fonte de pesquisa e de dados, e assim, como um auxílio aos que despertem um novo olhar para a inserção das fotografias da sala de aula, buscando desenvolvê-lo como componente curricular no ensino de Artes, bem como, em outras matérias.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. Trad. Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil S.A., 1989.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular- Arte**. Ministério da Educação, 2017. Disponível em: < <https://www.alex.pro.br/BNCC%20Arte.pdf>>. Acesso em: 23 de jan. de 2022.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica**. Ministério da Educação, 2013. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 18 de jan. de 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm >. Acesso em 18 de jan. de 2022.

BRASIL. **Parâmetro Curricular Nacional**. Ministério da Educação, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>>. Acesso em: 18 de jan. de 2022.

BUENO, André. **A história da fotografia e reflexões para um olhar em seu tempo**. In: Pontos de vista, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://pontosdevista.org/Content/Upl/Arquivo/cbead0db-2b1e-4d9f-a6f8-523739d4352a.pdf>>. Acesso em: 17 de jan. de 2022.

CAMARGO, Patrícia. **Desenho do autorretrato é uma forma de brincar de se conhecer**. Blog Tempo Junto, 2018. Disponível em: <<https://www.tempojunto.com/2018/10/24/reconhecendo-a-si-mesmo-com-a-brincadeira-do-desenho-pela-metade/>>. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

CANABARRO, Ivo. **Fotografia & História Cultural: Uma janela aberta para o mundo**. In: Revista UniSalle, Canoas, n. 21, 2015. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/viewFile/1981-7207.15.1/pdf_2>. Acesso em: 17 de jan. de 2022.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica** (Rio de Janeiro, 1900-1930).

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa, Difel. 1990.

CHIARELLI, Tadeu. **História da Arte / História da Fotografia no Brasil - Século XIX: algumas considerações**. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/cap/ars6/chiarelli.pdf>>. Acesso em: 17 de jan. de 2022.

COLI, Jorge. **Materialidade e Imaterialidade**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, s.l., n. 34, 2012. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Numero%2034.pdf>>. Acesso em: 18 de jan. de 2022.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem**. Uma história do olhar no Ocidente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Dicionário Histórico Fotográfico Brasileiro**. Fotógrafos e Ofício da Fotografia no Brasil (1833- 1910). Rio de Janeiro: IMS, 2002.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. São Paulo: Papirus, 1990.

DUBOIS, P. **O Ato fotográfico e outros ensaios**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 1993.

_____. **Fotografia e História** –possibilidades de análise. In: CIAVATTA, M.; ALVES, Nilda (Orgs.). A leitura de imagens na pesquisa social. História, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004, p. 19-36.

GERHARDT, Tatiana Engel; Silveira, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
Disponível em:<<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 02 de set. de 2021.

GOMES, P. **Da escrita à imagem: da fotografia à subjetividade**. 62 f. Dissertação (mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1996.

GONZÁLEZ, Edward. **O eu**: entre o autorretrato e a selfie. Laboratório de curadoria do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, 2020. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/malg/o-eu-entre-o-autorretrato-e-a-selfie/>>. Acesso em: 18 de jan. de 2022.

GONZAGA, GláuciaRibeiro; MIRANDA, Jean Carlos; SANTOS, Karen Matos. **A fotografia como recurso didático**. MOUSEION, Canoas, Revista Unila Salle, n.21, ago. 2015, p. 17-34. In: Revista Educação Pública, 2018. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/1/a-fotografia-como-recurso-didtico>>. Acesso em: 02 de set. 2021.

GRALHA, Fernando. **Fotografia E História**: Uma relação complexa. In: Revista Digital Simonsen. Rio de Janeiro, n.1, Dez. 2014. Disponível em: <http://www.simonsen.br/revista-digital/wp-content/uploads/2014/12/Revista-Simonsen_N1_Fernando-Gralha.pdf>. Acesso em: 17 de jan. de 2022.

_____. **Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social**. Análise Social, Lisboa, v. 46, n. 199, p. 237-259, 2011.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3ª ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 1999.

LUIZA, Mara. **Luz artificial a noite e sua percepção na paisagem urbana**. Arquiteino, 2020. Disponível em: <<https://www.arquiteino.com.br/post/luz-artificial-a-noite-e-sua-percep%C3%A7%C3%A3o-na-paisagem-urbana>>. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

MAIS, Equipe Fotografia. **História Completa da Fotografia**. Fotografia Mais, 2017. Disponível em: <<https://fotografiamais.com.br/historia-completa-da-fotografia/>>. Acesso em: 02 de set. 2021.

MANINI, Miriam P. **Análise documentária de imagens: a fotografia e seus textos**. São Paulo, 2002. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-23032007-111516/publico/Tese.pdf>>. Acesso em: 18 de jan. de 2022.

MAUAD, Ana Maria de S.A. Essus. **Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social pela classe dominante no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX**. Niterói, UFF, Programa de Pós-Graduação em História Social, 1990, 2 v. (dissertação de mestrado).

MENDES, Ricardo. **Onceupon a time: uma história da História da Fotografia brasileira**. In: Anais do Museu Paulista, São Paulo. N. Sér. v. 6/7. p. 183-205 (1998-1999). Editado em 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/anaismp/a/VDGgWNtXSWm5P4x4ZxTRtdt/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 de jan. de 2022.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45, p. 11-36, jul. 2003. In: ROUILLÉ, André. **La photographie**. Paris: Gallimard, 2005.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, História visual**. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 11- 36 – 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MONTEIRO, Charles. **A pesquisa em História e Fotografia no Brasil: notas bibliográficas**. In: *Revista Online Research Gate*, Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.169-185, dez. 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/281865783_A_pesquisa_em_Historia_e_Fotografia_no_Brasil_notas_bibliograficas>. Acesso em: 18 de jan. de 2022.

MONTEIRO, Charles. **História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa**. *Métis História & Cultura*, v. 5, n. 9, , p. 11-23, jan-jul, 2006.

MONTEIRO, Mário Bitt. **A fotografia na escola:** Fotografia como elemento didático-pedagógico no ensino de educação ambiental. In: Núcleo de Fotografia Fabico, Rio Grande do Sul, 2001. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/fotografia/port/03_pesquisa/escola.htm>. Acesso em: 02 de set. 2021.

PORTUGUÊS, Dicionário Online. **Significado de Selfie.** Dicio, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/selfie/>>. Acesso em: 18 de jan. de 2022.

PEREIRA, Fabiano Lemos. **As linguagens do componente curricular arte:** uma reflexão sobre a lei 13.278 e a BNCC. In: IV Conedu- Congresso Nacional de Educação, 2017.

Disponível

em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/35936#:~:text=sistema%20de%20ensino>>. Acesso em: 18 de jan. de 2022.

REIS, Waleska Dacal. **A fotografia como suporte didático para professores do ensino fundamental.** [s.d.] Online, 2019. Disponível em:

<www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/.../Fotografia.doc> Acesso em: 18 de jan. de 2022.

RIBEIRO, Leila Beatriz. Patrimônio visual: as imagens como artefatos culturais. In: DODEBEI, Vera et al. **E o patrimônio?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008. p. 59-71.

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea.** São Paulo: Editora Senac, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **Os três paradigmas da imagem.** In: ETIENNE, Samain (Org.). O fotográfico. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec; Editora Senac São Paulo, 2005, p.295-307.

SANTOS, Alexandre Ricardo dos. **A fotografia e as representações do corpo contido:** Porto Alegre 1890-1920. Porto Alegre, 1997. 2 vol. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SANTOS, A. R.; PAIVA, J. (Orgs.). Alair Gomes: **um voyeur natural.** Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2008. 52 p.

SANTOS, Valdecy de Oliveira dos. OLIVEIRA, Ivana Esteves Passos de. **Arte e fotografia: Uma intervenção tecnológica em sala de aula.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 02, Vol. 02, pp. 91-128. Fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/arte-e-fotografia>>. Acesso em: 09 de out. de 2021.

SCHIAVINATTO, Iara Lis Franco. **Sobre o campo de visibilidade:** entre o passado e o futuro. Anais do Museu Paulista, v. 15, p. 93-98, 2007.

SMIT, Johanna W. **A representação da imagem.** Informare, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

SOARES, Ana Maria Rodrigues de Souza. **Fotografia:** uma possibilidade pedagógica. Tese (Especialização em Artes Visuais). Minas Gerais: Belo Horizonte, Escola de Belas Artes da UFMG, 2013. Disponível em:<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS9J2GM4/1/ana_monografia_p_sdefesa_p_scorre__o.pdf>. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

TURAZZI, Maria Inez. **Fotografia.** In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 27, 1998. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat27.pdf>>. Acesso em: 18 de jan. de 2022.

TURAZZI, Maria Inez. **Uma cultura fotográfica.**In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,s.l., n. 27, 1998. Disponível em:< <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat27.pdf> >. Acesso em: 18 de jan. de 2022.

TURAZZI, Maria Inez. **Poses e trejeitos** – a fotografia e as exposições na era do espetáculo. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO -

Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância



Anexo II

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CURSO

Ao(s) vinte e oito dia(s) do mês de julho de dois mil e vinte e dois, às 15 horas e 05 minutos, reuniu-se a banca examinadora composta pelos docentes: DIEGO TED RODRIGUES BOGEA (orientador), CAROLINY SANTOS LIMA (membro), DEBORA SUZANE GOMES MENDES (membro), para examinar o Trabalho de Curso intitulado “**UM SELFIE NA SALA DE AULA: UM ESTUDO SOBRE A FOTOGRAFIA COMO PROPOSTA DE ENSINO PARA AULAS DE ARTES DO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS FINAIS)**” do(a) estudante **Ludmila Quintino Vilela**, Matrícula nº 2018205221350532 do Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância. A palavra foi concedida ao(a) estudante para a apresentação oral do TC, houve arguição do(a) candidato pelos membros da banca examinadora. Após tal etapa, a banca examinadora decidiu pela APROVAÇÃO do(a) estudante. Ao final da sessão pública de defesa foi lavrada a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Diego Ted Rodrigues Boga

Orientador/Presidente da Banca

Caroliny Santos Lima

Membro

Debora Suzane Gomes Mendes

Membro

Ludmila Quintino Vilela

Acadêmico

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese (doutorado) | <input type="checkbox"/> Artigo científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação (mestrado) | <input type="checkbox"/> Capítulo de livro |
| <input type="checkbox"/> Monografia (especialização) | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input checked="" type="checkbox"/> TCC (graduação) | <input type="checkbox"/> Trabalho apresentado em evento |

Produto técnico e educacional - Tipo:

Nome completo do autor:

Ludmila Quintino Vilela

Matrícula:

2018205221350532

Título do trabalho:

UM SELFIE NA SALA DE AULA: UM ESTUDO SOBRE A FOTOGRAFIA COMO PROPOSTA DE ENSINO PARA AULAS DE ARTES DO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS FINAIS)

RESTRICÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

Documento confidencial: Não Sim, justifique:

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: / /

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara:

- Que o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- Que obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autoria, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- Que cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Doverlândia

Local

/ /

Data

Ludmila Quintino Vilela

Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Ciente e de acordo:

DIEGO TED RODRIGUES BOGEA

Assinatura do(a) orientador(a)